

3

# ESCUDO APOLOGETICO, CONTRAPOSTO AOS GOLPES DO DESCUIDO CRITICO, COMPOSTO PELOS SAPIENTISSIMOS DOUS CENSORES DE X, DATO FEMINEIS, COLLEGIAES DO ANTIGO COLLEGIO DE GESTAS, fundado nas obras novas, e imperfeitas, que estaõ no citio da Cotovia,

OFFERECIDO  
AO MUITO GENEROSO, E ANTIQUISSIMO SENHOR  
**CARTAPACIO DE PRETERITOS,**  
POR  
ANDRE' PAULINO CARREGUEIRO DA COSTA BOTADO,  
E  
MARCOS VALENTIM PA'O BOTELHO PEGADO,  
*Guardas da Bibliotheca do Hospicio publico do Loreto desta Cor-  
te de Lisboa Occidental.*



## LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina  
DE MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,  
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.

*Com todas as licenças necessarias.*

Da-se aos Curiosos na mesma Officina, aonde se imprimio.

MUITO GENEROSO, E ANTIQUISSIMO SENHOR.

**E**sta he a primeira vez, em que a hum tão authorisado Mecenas se pede a sua protecção de justiça. Ainda que V. M. nunca foy homem de duas caras, por dous titulos, que logra a sua casa, tão antiga como os Preteritos, patrocinou ao mesmo tempo duas obras entre si oppostas, e contrarias. Favoreceo a primeira com o generoso titulo de *Cartapacio de Generos*, e amparou a segunda com o titulo muito antigo de *Cartapacio de Preteritos*. Animaraõ-se os dous Collegiaes Gestianos, doutissimos Censores da primeira obra, a implorar a sua generosa protecção, porque entenderaõ, que se V. M. a patrocinava, por comprehendendo dentro da sua dilatada esphera aos Generos, que tudo comprehendem: tambem devia apadrinhar a sua Crítica, que por ser de buns successos já passados, era da jurisdição dos Preteritos. Mas como V. M. na primeira regra deste seu segundo titulo ordena, que os compostos sigão quasi sempre as Leys dos Simplices: *Simplicium leges ferme conjuncta sequuntur*: seguindo a Crítica de dous Simplices, vão, em observancia das suas Leys, buscar a sua protecção estes nossos discursos mal compostos. Com ser infinito o numero dos Simplices: *Stultorum infinitus est numerus*. Não seguimos, nem perseguimos n'esta composição mais do que a dous Anonymos, que com o titulo de Censores do Descuido do nossº Bibliothecario manifestaõ a sua grande simplicidade. Para seguir em tudo esta Apologia aos Senhores Collegiaes Simplices, como V. M. nas suas Leys tem ordenado, vay tambem buscar o seu antigo, e generoso patrocínio, confiada, em que conseguira esta mercé de justiça, por obedecer pontualmente, ao que V. M. manda. Deos nos conserve na sua graça, como lhe pedimos. Lisboa Occidental no Hospicio do Loreto 1. de Dezembro de 1732.

Creados de V. M. muito obrigados;

ANDRE' PAULINO CARREGUEIRO DA COSTA BOTADO.

MARCOS VALENTIM PÃO BOTELHO PEGADO.

PRO-

# PROLOGO AO LEYTOR.

Ntre as maiores regalias, que lograõ os Collegas deste publico Hospicio, se devem numerar as propinas, que dos frontispícios dos Livros, e outros muitos papeis novamente impressos em Lisboa, costumão os seus vaidosos Authores mandar logo fixar nas lapidificas estantes da nossa publica Bibliotheca; porque em sahindo dos Prelos expoem em Estantes de marmore à curiosidade de infinitos Leitores ( tanto de dia, como de noite ) estes literarios tributos. Com estas propinas, sem comprarmos nenhuns livros, temos neste Hospicio huma grande Livraria, em que se achão alguns Volumes, que faltão nas maiores, e mais famozas Bibliothecas da Europa. Aqui se achão o *Auto, e Colloquio do Nascimento*, o *Auto de Santo Aleixo*, o *Auto de Santo Antonio*, o *Auto de Santa Barbara*, o *Auto de Santa Catharina*, o *Auto de Santa Maria Egypciaca*, o *Auto, ou Vida de S. João de Deos*, o *Auto do dia do Juizo*, o *Auto da Barca*, o *Auto do Fidalgo Aprendiz*, o *Auto das Padeiras*, o *Auto do Cazeiro de Alvalade*, o *Auto da segunda Barca*, o *Conselho para bem cazar*, o *Pranto de Maria Parda*, o *Infante D. Pedro*, o *de D. Duardo*, o *Tratado dos Passos*, e *Lasarilho de Tormes*, os *Avizos contra os enganos*, a *Pratica de tres Pastores*, o *Tratado das Lições da Espada Preta*, as *Trovas da Menina fermosa*, a *Magalona*, o *Marquez de Mantua*, o *Valdevinos*, a *Emperatriz Porcina*, a *Malicia das Mulheres*, o *Terremoto de Roma*, a *Ousadia do menino morto*, o *Novo Auto da Barca*, o *Auto da Fortaleza*, e outras muitas curiosidades, que fazem muito famoso o nosso Museo. Nem temos necessidade de mayor, nem de melhor Livraria, como tambem de outro estudo, para sermos eruditos; porque hoje só com a noticia dos nomes dos Authores, ou dos titulos de alguns livros, e papeis impressos ostentão muitos homens a sua vastissima erudição.

Pela facilidade, e felicidade, com que por este modo se estuda, não aparece papel impresso nesta Corte, que logo neste Hospicio se não leya. Porém nenhum foy visto com maior attenção, do que o *Descuido Critico* dos Sapientissimos Collegiaes Gestianos, Anonymos Censores de *X, Dato Fömineis*, por criticar huma obra, que compoz com tanto acerto o Senhor Vasco de Mendanha Coelho, que em premio do seu merecimento, com geral approvação deste Hospicio, o remunerou o nosso Presidente o Senhor Joaõ de Andrade com o emprego de *Bibliothecario* deste Collegio. E conhecendo algúis dos nossos Collegas, que por credito do Hospicio se devia responder a esta *Critica* com huma publica Apologia, determinaraõ, que se examinassem primeiro todos os seus pontos em huma junta secreta, feita dentro na nossa Livraria. Para esta conferencia forão chamados por Carta do Senhor Presidente do Hospicio todos os *Mariolas* do Terreiro, Rocio, Ribeira das Náos, Magdalena, S. Nicolao, e do Caes de Santarem, da Pedra, e do Carvão; advertindo a todos, que se ajuntassem sem falta, por ser assim neccessario ao credito do *Mariolismo*, a quem faziaõ

fazia guerra declarada os Collegiaes do Collegio Gestiano, fundado nas obras imperfeitas da Corovia. Chégaraõ todos em hum destes Domingos pela manhãa, e vendo-se taõ numerosos, imaginaraõ, que haviaõ de dar logo alguma batalha, ou de sustentar hum porfiado cerco; e todos se confirmaraõ neste pensamento, vendo-se ás onze horas assentados a huma Mesa; porque como a Mesa he aquelle campo de batalha, em que se vive do que se mata: aquelle perigozo emprego, aonde, para cada hum fazer a sua obrigaçao, deve ter estomago para tudo: aquelle doce despojo, em que os sofregos metem tudo a ataque, e com tudo se não daõ por satisfeitos: aquelle continuado avance, em que tem partido, e perdido tantos a cabeça: nenhum duvidou, que nesiõ dia haveria grande batalha, vendo no campo da Mesa grande abundancia de munições de boca, e tendo todos ordem para marchar. Ao meyo dia desejavaõ todos a batalha, porque não só não temiaõ ao inimigo, mas antes lhe tinhaõ já boa vontade. Havia grande numero de gaſtadores, e grande copia de armas, entre as quaes se achavaõ algumas espingardas reforçadas, que se atacaraõ até a boca. Havia polvora para todos; porque os frascos estavaõ bem cheyos.

Por aqui se refolveraõ todos a principiar a batalha, que se continuou com mayor calor, quando se avistou o loccorro de Figueirõ dos Vinhos, com que se tinha reforçado o inimigo. Não houve nenhum *Mariola* taõ fraco, nem taõ covarde, que ficasse com a espada na bainha; meteraõ todos ao final de investir as mãos aos copos, e derramou-se muito sangue de velhos. Neste choque ficou logo mal ferido hum Borrachaõ de Campanha, a quem chegaraõ todos ao couro por muitas vezes, e o apertaraõ tanto, que estava continuamente lançando golsadas de sangue pela boca. Este castigo foy bem merecido por ter este Borrachaõ consentido a liga da marnielada com vinho, que foy huma parvoice. Avistaraõ nesta refrega hum Esquadraõ Volante, em que fizeraõ tanto estrago, que os mortos cahiaõ como Tordos. Succederaõ imediatamente duas Alas de Frangãos, contra os quaes marcharaõ com tanta raiça os *Mariolas*, que a unhas, e a dentes lhe fizeraõ logo abater as cristas. Mayor resistencia acharaõ em outros Aventureiros, que investiraõ, como se forao taõ fracos como galinhas, mas a experientia lhes mostrou, que tinham bons figados. Seguiu-se os Gancos com boa fórmula, porém não lhes valeo a guarnição que tinham; porque entre todos, elles principalmente pagaraõ o pato. Quando estes se retiravaõ feitos em pedaços, entraraõ em seu lugar dous corpos de Indianos, que vieraõ da Conquista do Perù, os quaes erão taõ valerosos, que pelejaraõ a peito descuberto. Faziaõ lhe espaldaõ dous Terços de Eunuchos vulgarmente chamados Capoens, aquem animava com a sua gente o Capitão Coelho por alcunha o *Villaõ*, que ao principio deu especies de grande valor, mas ao depois mostrou, que tinham muito de cebolla. Aqui fahio de contra marcha o

Regi-

Regimento da Porcarica, que deu ao *Mariolismo* muito, que fazer, aindaque voluntariamente se retirou destroçado, ficando muitos alombados, principalmente Monsieur Leitão com huma penetrante ferida na cabeça, e tão grande, que lhe apparecio os miolos. A' vista deste destroço picarão de roda Dom Payo Salgado natural do Alem-Tcjo, que pouco tempo antes tinha vindo tomar lingoa. Rendeo-se Monsieur Lacão de Lamego com huma ferida em huma perna, da qual pouco depois acabou, não obstante ter sido por muito tempo bem curado. Estando todos fatigados, e quasi enfatiados da marcha, e da peleja, mostrando que tinha fevra o Esquadrão da Vacariça, e vimos o caldo quasi entornado. Quiz Deos, que se retirou para o Campo do Curral, que a não ter assim, haviaõ de tornar todos os *Mariolas* à vaca fria; porque lhe hia chegando a mostarda aos narizes. Com esta retirada parecia estar de todo vencido o inimigo, eisénão quando avistarão os *Mariolas* hum grande Esquadrão de Castanhas em forma de ouriços, e aindaque logo foy roto com muito fogo, com tudo difficultarão muito a vitoria, por lhe acudirem todas as frutas, principalmente as Romãas com grande copia de granadas, e custaria o triunfo ameixas de conserva, se não desmayarão todas, vendo a hum melão com as trispas fóra. Aqui renderão as uvas toda a bagagem, e entre as pessoas de distinção ficarão prisioneiros alguns Senhores da Cala de Alva, Fernão Pires, Rodrigo Affonso, e hum Príncipe da Ethiopia muito Fidalgo, ainda que bastardo. Perdida a batalha, hião fugindo os figos com o Regimento do Algarve, e com tanta preça, que ao tempo, que lhe quizerão sahir ao encontro, já erão passados. Nesta emboscada lhe fez o inimigo rosto com huma Cara de assucar, a cuja disposição estavão todos os doces, governados pelo Príncipe das marmeladas; mas como viu tudo destroçado, mandou tocar as caixas a recolher. Como já não havia, quem nos fizesse papo, levantamos o campo, encontrando alguns palitos, com que esgravatamos os dentes. No fim deraõ todos os Senhores *Mariolas* graças a Deos pelo bom sucesso, e antes que cada hum se recolhesse ao seu quartel, se lhes deu noticia de outra contendã mais arriscada.

Leo-se a todos a *Critica* dos Senhores Censores de X, *Dato Famineis*, e yentilados (em auzencia do Senhor *Bibliothecario*) todos os seus fundamentos, por reconhecerem alguns destes Senhores não terem os Criticos outro motivo se não o da inveja, votarão, que a melhor confutação era o desprezo; mas como nas Communidades grandes raras vezes se conformão os animos, e os juizos, pervaõeço a opinião contraria, sustentando com boas razões, se lhe devia dar logo a reposta. Elegerão para isto em Claustro Pleno aos dous Guardas da Bibliotheca, para que defendesssem o credito do Hospicio, sem occuparem ao Senhor *Bibliothecario*; porque convinha ficar livre deste emprego, para poder occupar-se em outras obras de mayor gloria do Collegio, e utilidade da Republica.

Para lhe darem esta incumbencia, foy clamado o Senhor Bibliothecario à Mesa, e depois de tomar assento, leraõ os Guardas da Biblioteca o Phenomeno, o Sarrabal Salayo, o Sonho d'El Rey de Maquinez, a Onomatopeia, a Historia Galega, as Consequencias do Phenomeno, a Carta de Constantinopla traduzida por Sebastiao Pires Correja, e o Eclipse do Imperio Ottomano, e sobre estes papeis lhe mandarão interpor o seu parecer, entendendo feria tão acertado, que poderia sahir a luz composto com a sua grande erudição, e costumado engenho. A respeito do Phenomeno, Sarrabal Salayo, Historia Galega, e do Sonho d'El Rey de Maquinez disse em poucas palavras, que tudo aquillo era sonho, em que naturalmente quanto representa a fantasia, he hum grande desproposito, porque todas aquellas ideas eraõ sonhos; e aonde saõ muitos os sonhos, ainda saõ mais as vaidades: *Ubi multa sunt somnia, plurima sunt vanitates.* (Ecclesiast. 2.15.) Sobre a Carta de Constantinopla discorreu, mostrando, que não era composta, nem escrita pelo Mercador Francez, senão por algum Turco do Imperio Ottomano; porque o seu estilo, discurso, e fraze em tudo era barbaro. Provou, naõ serem as Consequencias do Phenomeno illações deduzidas com bom discurso das suas premissas. Desacreditou o Eclipse do Imperio Ottomano, affirmando, que o seu Author andara por todo o Mundo à gaudaya buscando preciosidades entre immundicias; porque com vozes barbaras, e palavras Portuguezas, descrevendo ricos Templos, Thronos preciosos, e magnificos Palacios fez hum discurso elegante. Mostrou ter a Onomatopeia além de muitos erros do juizo de seu Author, outros muito maiores, por culpa de hum Corrector já faltó de vista; porque deixou passar Bosphoro por Phosphoro, fazendo tambem com o seu grande descuido a Christierno (e naõ Christiano) IV. Rey de Dinamarca naõ menos do que pay de si mesmo; porém como o seu Author promettia no fim huma Embaixada, e de presente tinha vindo a esta Corte hum Passaro de Turquia, que fora morto nos Bosques de Pancas, queria referir os effeitos, que nos Animas daquellas Selvas tinha feito a sua Embaixada, para com esta relação mostrar o conceito, que os Mariolas deviaõ fazer daquella obra. Vendo, Senhores, o Leão, que por nacer coroado he por direito natural Rey dos Animas, e ao mesmo tempo, que estava enfadado de viver nas brechas sem o decoro devido à sua grandeza, e Magestade, o vinha convidar com o governo do Imperio Ottomano aquelle desconhecido Passaro, convocou para as sombras de hum bosque o mais luzido dos seus subditos, para com elles povoar huma populosa Cidade, que pretendia edificar à maneira de Lisboa, para ler (como está profetizado) a Corte deste quinto, e ultimo Imperio do Mundo. E examinando as qualidades, prendas, inclinações, exercícios, e obras de cada bruto, escolheu os animas, que lhe parecerão mais aptos para o Governo Politico, e Militar, distribuindo por elles as dignidades, e officios assim nobres, como mechanicos da nova Republica por este modo.

Chamou primeiramente à sua presença o Lynce, a quem honrou com o título de Vedor mór, e mandou-lhe que edificasse Palacio na Boa Vista, emprego, que o Lynce aceitou de boa vontade, porque havia muito tempo, que estava com os olhos nesse. Em segundo lugar chamou hum Cão de caça, a quem deu o título de Monteiro mór, fazendo-o Senhor de Faro de juro herdade para si, e seus filhos, e deixando-lhe o domínio de Pé de cão; mas este Cavalhero, passado algum tempo, se retirou da Corte, porque hindo com El Rey hum dia à caça, o tratou como hum podengo; porém attendendo o Leão aos seus grandes, e leaes serviços, deu a seu Primo, que era hum Cão de agoa, a superintendencia dos portos molhados. A terceira sorte cahio sobre o Boy, que o Leão proveo com o título de Official mayor da Junta, e Superintendente das carregagens, com huma Commenda na Vaca Rifa, e para seu Palacio lhe deu o Campo do Curral. O quarto escolhido foy hum brioso Ginete, a quem fez o Leão a mercê do título de Cevadeiro mór da Casa Real, e logo teve lugar em huma Tropa de cavallos; a este se ajuntou hum Mosquito por trombeteiro, e destinou-lhe para sua habitação o Val de Cavalinhos. Seguiu-se o Ouriço Cacheiro, o qual se deu por bem accommodado com o fazer Senhor de Chaó de Macaás, e Dízimos de Pomares. Proximo a este foy despachado o Camaleão, aquem fizeraõ Senhor de Buenos Ayres, deputandole para vivenda o Bairro alto. Com igual fortuna conseguiu o Macaco ser Governador da Torre do Bogio. O Caruncho foy eleito Governador da Ilha da Madeira, aonde lhe deu o Leão huma Commenda.

Imaginavaõ todos os Animaes, que já os lugares, e os empregos de mayor reputação, e honra estavaõ providos nos Pretendentes: quando o Leão, lembrado de que estavaõ ainda vagos alguns Officios, e occupações da Casa Real, nomeou logo a Corça para Dama do Paço, a Traça para Guarda roupa, a Cabra para Ama de Leite, ao Carneiro para, como Corregedor do bairro, acompanhar o Executor da Justiça no Campo da lâa; e para o Povo viver com mayor commodidade, lhe fez mercê do sitio de Val Verde. Estava neste tempo muito desconfiado a quelle Bichinho de Hierusalem, que ha poucos annos chegou a Portugal em huma Gazeta; porque sendo tão celebrado, e de partes tão extraordinarias, que o não havia mais bem pintado, ainda assim não faziaõ cazo delle; porém o Leão o fez seu Camarista, e para o servir com menos trabalho, lhe ordenou, que passasse logo das casas do Arco dos Cegos para o Arco das Mentiras. Inculcou o Camelo a sua grandeza, que desejava ver remunerada com algum cargo na Corte do Leão, e fez nesta pretenção tanra força, que levou o de Mariola Mór, e para sua habitação o Verdepezo. Reconciliando-se a Onça com o Leão seu inimigo, lhe fez este Rey mercê do lugar de Juiz da Balança. Prevendo o Leão, que os Estrangeiros haviaõ de establecer o commercio dos vinhos, deo à Lagarta das vinhas o Consulado dos Ingleses.

Repartidos por este modo os empregos, e officios politicos nas pessoas mais benemeritas, nomeou para os postos Militares os sogeitos mais valentes; e com tudo naõ faltaraõ descontentamentos, mostrando-se muito sentido o Elephante, que por lhe naõ darem lugar competente à sua grandeza, ficou trombudo. Dizem, que a causa de naõ ser provido, conforme o seu merecimento, fora; porque em hum dia de bejamaõ na presençā d'El Rey naõ dobraria o joelho. Constando ao Leão a grande prudencia da Serpente, a nomeou por Coronel do Tercó dos Dragões. Para Assentistas nomeou a Formiga, e o Gorgulho. Excluiraõ alguns Zelosos do serviço d'El Rey a huma parenta deste Coronel, que de raivosa parecia huma Vibora. Na repartição dos officios mechanicos naõ houve descontentamentos; porque a Abelha facilmente se deo por contente com officio de Serieira, ficando sua filha por Moça da vela. O Coelho acommodou-se com o officio de Sarralheiro, o Lobo de Carniceiro, a Lebre de postilhaõ, o Rato de Dispenseiro, e a Aranha de Armador. Foy muito para rir, ver, e notar a variedade de effeitos, que na Republica dos Animaes causou a novidade, e diferença dos despachos. Os ecolhidos, e benemeritos celebravaõ com defentoado applauzo a sua eleiçāo, e felicidade; e os excluidos, e desenganados por divertos modos publicavaõ o seu grande sentimento. Lembrame, que vinhaõ alguns Animaes venenosos dizendo sapos, e lagartos. A Toupeira teve tão grande pena, que se toy enterrar viva. A Doninha sempre andou gritando em casa. O Bicho da Seda rebelou-se contra a Corte, e Reyno dos Animaes terrestres, e passou para o Imperio das Aves. A Raposa adoeceu de pura melancolia, pela naõ elegerem para Conselheiro de Estado, e ha muito tempo, que está de regimento, naõ passando de galinha. A Cigarra gritou com tanta força, que rebentou de paixaõ. O Gato botou por esles telhados. O Bode para mayor demonstraçāo do seu grande sentimento, nunca mais fez a barba; e o Caracol naõ tornou a sahir de casa. Porém ainda forao maiores os disgostos na Corte de Leão, quando os Senhores do Governo viraõ, que o Passaro Embaixador a pezar da morte deixara a Lisboa fagida, e viera para a verdadeira Lisboa dar a sua Embaixada, aonde refuscou, como a Phenix das tempestades, à nova vida, porque dentro no Paço lhe deu outra alma a pintura. Naõ pode a morte violenta impedir aquella Embaixada, que parece tinha disposto a Providencia; e à vista de tão extraordinario successo, mostrou, que deviamos dar credito, ao que se publicava na Onomatopeia; porque se o Monarca, a quem devia render obediencia o Imperio Ottomano, era Agnia, e naõ Leão, naõ para o Leão, mas para a Agnia, vejo de Turquia voando, como Embaixador, hum tão famoso, e celebrado Passaro.

Com esta relaçāo do Bibliothecario ficou tão estimada entre os Mariolas a Onomatopeia, que por estar já extinta a sua impressão, sahio segunda vez a luz da Officina da Confeitaria; porque como tinhaõ chegado de Coimbra

a esta

a esta Corte de Lisboa todos os doces, para seguirem o seu agravo na Caza dos *Supplicacionis*, tiverão todos estes, e outros papeis muito gasto. Contaremos brevemente esta novidade por ser importante, e muito gosta esta noticia. Hayia muitos annos, que os Estudantes de Coimbra traziaõ os doces entre dentes, até que forão denunciados no Collegio da Baeta por dous crimes, que contra os Academicos tinhaõ cometido, pelos quaes deviaõ ser asperamente castigados. Era o primeiro, terem dado grandes pancadas nas suas bolças, e às vezes nos vazios: e o segundo fazerem tanto mal à saude dos Academicos, que eraõ muito poucos, os que não morriaõ pelos comer. Estes Crimes se fizeraõ mais aggravantes com a circunstancia da alcivoria; porque te provou, que para causarem este dano, a todos faziaõ primeiro a boca doce. Enfureceraõ-se todos contra os doces de forte, que os queriaõ engulir. Outros lhe tinhaõ tão boa vontade, que os comeriaõ a bocados. Chegaraõ a ver-se os doces tão perseguidos, que a muitos não valeo o Sagrado, estando recluzos nos Conventos das Freiras. A outros quebraraõ a carta de seguro, que se lhes tinha passado pelo seu Conservador; e como se todos forão freiraticos, como os *bolos de grade*, a todos se ordenou, que apparecessem na Mesa para fazerem termo.

O primeiro, que appareceu naquelle severo Tribunal, foy o Pão de Lò, que como não sabia com certeza, em que estava culpado, entrou, conforme costumava, todo fofo, e vestido de amarelo gemado; porém ouvindo os delictos graves, de que o arguiaõ, e não tendo outra defesa, allegou, que os cometia estando bebado; e por não parecer bastante esta desculpa, mandaraõ os Juizes, que como bebado morresse afogado em vinho. Seguiu-se o Afilar rozado, e vendo, que lhe mandavaõ correr folha, disse todo delambido, que se não alterassem, nem enfurecessem contra él os Senhores Juizes, porque facilmente se purgaria de todos os imputados delictos, por ser pessoa, que pertencia ao Foro da Botica, para onde declinava. Receberaõ-lhe a excepção declinatoria, ordenando, que havida verdadeira informaçao, se fizesse o que dissessem tres Boticarios. Com desigual fortuna sentenciaraõ ao Caramello. Vendo elle, que os seus delictos eraõ tão claros como agoa, pedio com grande humildade, que lhe perdoassem, attendendo-se, a que no Veraõ passado lhe confiscaraõ os bens, chupando-lhe os golozos, quanto tinha; mas por não ser recebida a sua defesa, julgaraõ, que fosse lançado pela agoa abaixo. Melhor sucedeo ao Alsenim, porque sendo convencido, deu tantas voltas ao seu negocio, até que escapou. Estavão neste tempo tão pequeninos os Confeitos, que bem mostravaõ o grande medo, que tinhaõ; e com muita razão, por estarem condemnados a morrerem enforcados; porém em f.m livraraõ por menores. Isto não poderaõ conseguir os Talos de Alface, por serem já talucos, e muito espiados. Ninguem esperava, que as Amendadas tivessem bom succet-

fo, porque álem das culpas commuas, vinhaõ algumas muito crespas; com tudo tiverão tantos amigos, e tantas razões a seu favor, que sahiraõ livres; porém com condiçao, que seriaõ obrigadas a acompanhar os Estudantes, que pela Somana Santa corressem as Igrejas. A marmellada, que estava bem desconfiada da sua causa, conseguiu hum favor naõ esperado na grande variedade de votos dos Juizes, porque huns eraõ de parecer, que a comesssem crua, outros votariaõ que a fizessem em bocados. Esta discordia se compoz, convinco todos no parecer de algurs Politicos, que a dayaõ por absoluta da instancia, por ter sido muito util para o Reyno na dieta de Cambray. Semelhante felicidade esperavaõ os Peslegos de Coimbra; mas succedeo-lhes tão mal, que publicamente lhe correraõ a caxa. A Abobora padeceo mais que todos os doces, porque a ralarão, e a Chilacayota esteve à dependura por hum fio. Entrarão muito confiadas as ameixas, cuidando, que tinhão huma mina de caroço; mas sabido o caço, custou-lhes o livramento ameixas de conserva; porque tiverão por grande felicidade não serem condemnadas em mais penna, que reclusão perpetua em Santa Clara, aonde se mandou que fossen feitos em pícas de certos pastelinhos. As Peras tinhão culpas em aberto, mas souberão-se cubrir. Os doces do Natal como mais fogosos appellaraõ da Sentença para a cata dos *Suplicacionis*, e gaftaraõ tanto na demanda, que empenharaõ os Morgados; mas estavaõ com animo de sahir de festa, e correrem canhas de assucar, e argolinhas de doce se tivessem sentença a seu favor, como provavelmente terão provimento na appellaçao, porque o Masiapão no seu depoimento jurou pela hostia, que naõ tinhão culpa. Com grande tyrannia, e sem razão sentenciarão a Escorcioneira; porque estando inocente, por sentença publica lhe mandaraõ quebrar as pernas. O celebrado Melão de Santarem est eye em grande perigo; mas como era Letrado, e naõ tinha pevide na lingoa, arrezoou também a sua causa que vendo o Promotor Fiscal as suas razões se callou como melão. Os Limões, que tinhão vindo do Brasil em conserva da Frota, avocaraõ a sua causa para esta Corte, e forao remetidos ao Limoeiro. Estavaõ muito empenhados os Juizes em confiscarem os bés aos Ovos Reaes, por serem muito ricos; mas livraraõ felizmēte porq; os feus bés erão vinculados em Capella. Naõ desmayava à vista deste rigor o Manjar branco fiado nos seus bons, e muitos amigos; mas sahindo condennado, a que lhe comessem as tetas ficou de todo mamado. Affirmavaõ os Juizes, que haviaõ de frigir os Sonhos; porém elles se defenderaõ, provando com fortes razões, que as suas culpas eraõ sonhadas, e mostrando, que naõ havia Ley, que mandasse castigar delictos cometidos por sonhos. Finalmente como o Assucar era a cabeça destes Criminosos, e complice nos seus delictos por voto detodos os Juizes foys queimado. Sentio-se geralmēte em Coimbra esta desgraça do Assucar, por ter hú sogeito de taõ peregrinas partes, e de grande engenho, como tinha mostrado nas occasiões, em q esteve de ponto. Tinha húa condiçao

dição tão suave, que para dar gosto a todos se fazia em mil manjares, tratava a todos com genio tão festivo, q velo em qualquer galhofa erao capinas, e nas festas dos Mascarados aparecia com diferentes caras. Os doces de Lisboa ficarão tão envergonhados com as sentenças, e castigos, que se executarão nos seus parentes em Coimbra, que até não sabirem os recursos, que se esperão, não tem cara para aparecer, e dentro em suas casas estão quasi todos empapelados. Nisto consumirão os papeis, que se imprimirão em Lisboa, com grande fortuna dos Impressores, que a não terem este consumo lhes servirão para mechas. Ficarão os Senhores *Mariolas* muito satisfeitos da grande capacidade, e boas notícias do seu *Bibliothecario*, cuja eloquencia celebrarão com Música de marinhas de Pretos, em lugar de charangas, e com toque de chocalhos de Agudeiros em vez de repiques de sinos; e para empregarem o seu talento na composição de obras, que dessem crédito ao Hospício, mandarão que os dous Guardas da Biblioteca fizessem esta Apologia em defesa do Senhor *Bibliothecario*, e que elle se ocupasse em criticar os papeis referidos. Tomada esta resolução fez o Congresso, e principiou logo o *Bibliothecario* a compor a sua Crítica, que brevemente sahirá a publico.

Então conhecerão os Leitores de todos os papeis referidos, que os escreverão de noite com pennas mal aparadas as mesmas mãos, que de dia se tinhao exercitado com as enxadas; porque tal varredoura de notícias bem parece pà, enxada, e vassoura de Ribeirinhos. Algum dia celebrava com razão a nossa Corte a subtileza dos conceitos de hum homem Official, que furava muito com a ponta da favela; mas hoje he lastimosa cousa ver em Lisboa impresas as obras dos Algibebeis, porque sahem todos os dias dos Prelos huns discursos, que na verdade sao mantas de retalhos. Muito melhor seria, que sahissem estes papeis compostos por Esteireiros, Ourives, ou Tripeiras; porque das suas mãos sahirão como os molhos mais bem atados, como os metaes mais bem ligados, e como as esteiras mais bem tecidos. Sendo as notícias do Calçado Velho, parecem nascidas na Rua Nova. Para povoarem o bairro da Esperança, não sabem hir buscar novidades se não à Mouraria; mas sem nenhum temor da mordacidade dos Zoylos, nem receyo da censura dos Momos mostrará brevemente o nosso *Bibliothecario* ( como se lhe tem ordenado ) que o *Sarrabé Saloyo*, as *Consequencias do Phenomeno*, o *Eclipsé do Imperio Ottomano*, e outros papeis, que sahirão da nova Officina de Maúrio Vicente de Almeida não forão estampados no *Arco das Pedras negras*, senão depois de compostos no *Arco das mentiras*; porque os seus Autores facilmente juntão cousas tão firmes, e separadas, como o *Arco do Ourro*, e o *Arco dos Prégos*, para com a união de varios edifícios fazerem ( à custa de quem compra ) não menos, que pregos de ouro. E sahindo a publico com estas obras, tão envergonhados estarão de serem os seus Autores, que deixando os seus nomes nos Cubertos, vão buscar outros nos Espaços imaginarios. Tudo isto

isto provará com grande evidencia, e maior confiança o nosso *Bibliothecario*, porquz o Collegio dos *Mariolas* resolveo no ultimo ponto da sua conferencia, que havia de ser defensor destas Obras, contra a mordacidade dos Criticos. Não só protesta de multiplicar Apologias contra as esperadas, e já promettidas censuras, que os seus Authores pôdem ter por tentações diabolicas; mas promette de imprimir, não aos centores as obras, lenaõ nos criticos as suas insignias. Todos sabem, que as insignias deste Collegio são huma gravata, como canga, hum laço, como corda, e hum bastaõ, como tranca; e para responder a quem os censura basta imprimirlhes a tranca pelas costas, porlhes a canga no cachaço, e apertar�he a corda na' garganta.

Naõ querem dizer com isto, que intentaõ, como os Turcos, defender as Obras do Collegio às pancadas, porque somos taõ politicos em Lisboa os *Mariolas*, q' estranhamos muito entre os Sabios estes escandalosos excessos. Censuramos a Joaõ Baptista Ignacio Veneziano dar huma quasi mortal punhalada em Rebortello por reposta aos pontos da sua Critica. Execraramos o cruelissimo assassinio de Pedro Ramo executado pelos sequazes de Carpentier, querendo com huma violenta, e tyranna morte defaggravar ao Philosopho Aristoteles, aquém o mesmo Ramo tinha impugnado com demasia. Detestamos o abominavel homicidio do celebre Mathematico Regiomontano, ou Joaõ Muller de Konigsberg, ao qual por ter criticado os escritos de seu pay, mataraõ os filhos de Jorge de Trebizonda com veneno. Mas naõ podemos deixar de lembrar aos Criticos a quem esquece, e de advertir aos Censores, que o ignorão, que o mayor castigo para hum Critico de juizo, e de vergonha, he ver-se confutado com huma dourta Apologia. Empenhando-se o mesmo Jorge de Trebizonda em censurar as obras de Plataõ, ficou taõ envergonhado, e corrido com as repostas do Cardeal Bessarion, que perdeo quasi de todo o juizo, e ficou lastimozamente sendo objecto ridiculo de publicos escarneos. Entre Catholicos, e Herejes he hoje escandaliza a memoria de Gaspar Scipio por querer delacreditar os escritos do celeberrimo de *Tou*, do grande *Estrada*, do insigne *Escaliger*, e do famosissimo *Vossio*; porque sempre cahiraõ na indignação dos Sabios os injustos censores, que murmuraõ sem razão dos Varões scientes, como succedeo nos seculos passados a Lycon, Anito, e Melito pelo atrevimento, com que criticaraõ a Socrates. Porem quando os Collegiaes Centores do nosso *Bibliothecario*, como *Anonymos* desconhecidos, não temão perder a reputação, por estarem os seus nomes incognitos, nem o juizo por serem homens loucos, saibaõ, que os Escrittores do Hospicio publico do Loreto não tem nenhum medo dos Criticos do Collegio de Gestas; porque sendo muitos os seus Collegas, e todos homens de grandes forças, armados com grossas, e boas trancas, não pôdem temer o rancho das catanas.

Principiamos com tão grande auspicio a nossa Apólogia, por onde sem vergonha acabamos o Prologo. Censurão os Senhores Collegiaes em primeiro lugar, como grande *Descuido*, dizer o Senhor *Bibliothecario*, que assistia no Hospicio publico do Loreto; porque com esta confissão ficava conhecido por *Mariola*. Provaõ esta proposição com a declaração, que o Senhor *Bibliothecario* tinha feito no seu Prologo; porque não podia deixar de ser homem de ganhar, dizendo, que fazia aquelle papel para o vender. Bem mostrão os Senhores Collegiaes nestá imaginada calunia, que não são Candidatos do Parnazo. Os homens, que com venenoza penha desabafão, não são animados das Musas, as Furias os incitaõ. Reparando Sincio, em que nunca tiverão as Musas altares separados, disse, que nisto se divizava a concordia em que sempre viverão. A emulação dos homens doutos não he discordia, he, como lhe chama Hesiodo, contenda discreta. Competir com o nosso *Bibliothecario* depois de lhe chamar *Mariola*, he querer emparelhar com elle na competencia; e quem deshonra ao seu competitor, a si proprio desacredita. Sejamos competidores, e não inimigos, porq; seremos amigos, sendo pela igualdade semelhantes. Venhaõ embora todos os nossos Centores fazer-nos companhia neste Hospicio; porque neste Collegio não se fechaõ as portas, aos que buscaõ este refugio. A todos se daõ nelle as occupações, conforme as suas forças, para que ninguem se queixe, de que lhe daõ cargo com que não pôde. Os pretendentes, que nos outros Tribunaes não fahirem despachados, por lhes faltarem merecimentos, e lugares, vindo para o nosso Hospicio, com quæquer merecimentos escolhem os lugares, e os despachos; porq; tomaõ os cargos, e os assentos à medida do seu desejo. Nunca os nossos Collegas estaõ fóra do serviço da Republica. Os seus empregos duraõ toda a vida: entra-se nelles sem habilitação, nem exame, levaõ-se sem opposição, e nunca se lhes tira residência.

Não deixem os nossos Centores de nos fazer companhia recendo, que lhes chamem *Mariolas*, ou, como elles dizem, *Homens de Ganhar*; porque todos os homens merecem o mesmo nome, exercitando-se em qualquer emprego. Não ha ninguem neste Mundo, que não seja, como *Homem de Gimbá*, Collega do Hospicio dos *Mariolas*. Todos os filhos de Adam devem ganhar o pão para comer com o suor do seu proprio rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane*; e os que assim o comem, como nós tambem o ganhaõ. Para que nos lanção logo em rosto hum bocado de pão, que nós comemos tão suado? Nós, como verdadeiros filhos de Adam, comemos o nosso pão ganhado com o suor de nosso rosto, e os nossos Centores, se não são *Homens de Ganhar*, comein, como aves de rapina, o pão não seu, adquirido com o suor do rosto alheyo. Estes, que nós temos visto muitas vezes no Campo da Lãa, com a corda na garganta, não os que nos censurão a corda no peccosso: estes, que lá se sustentão em tres, paos,

pão, saõ os que motejaõ o pão, que nos sustenta: estes, que murmurão de nós trazermos hum cargo às costas, para sustentar a vida, saõ os que a perdem pela não quererem ganhar, morrendo com o carraço às costas: e estes, que morrem enforcados, porque furtão, tendo huns ladrões sem vergonha, tem muito de que se envergonhar, naõ sendo vergonho para os *Homens de Ganhar* o seu honrado, e honesto trabalho. Naõ se envergonhavaõ nossos primeiros Pays, estando no Paraizo para trabalhar: *Ut operaretur, & non erubescerant*; mas tanto, que furtarão o fruto prohibido, ambos se esconderão, como envergonhados: *Abscondit se Adam, & uxor ejus.* No Sermão do Bom Ladrão disce o Padre Vieira, que faltavaõ poucas letras a Adam para Ladram, e ao fruto naõ faltava nenhuma para furto; e tendo o furto fruto taõ vergonho para hum homem a quem faltavaõ letras para ser ladrão, naõ se envergonhou de ser trabalhador. Envergonhar com o trabalho, e furtar com vergonha, para sustentar a vida, he degenerar das acções de nossos primeiros pays; porque se tiverão vergonha de furtar, naõ tiverão pejo de trabalhar, para comer: *In laboribus comedes*; e quem para comer tem pejo de trabalhar, como naõ pôde de outro modo sustentar a vida, para viver sem pedir, ha de furtar sem vergonha. Por tres modos ganhaõ os homens de comer: trabalhando, pedindo, ou furtando; e todos estes modos de ganhar a vida cobrem aos homens o rosto: o furto com a vergonha, o rogo com o pejo, e o trabalho com o suor; mas com a mesma habilidade com que os ladrões livraõ o rosto do suor, livráo tambem a cara da vergonha; por isto com cara de pouca vergonha (envergonhados de pedir) pedem as bollas, ou as vidas.

Não disputamos neste lugar qual destes tres modos de ganhar a vida he o melhor, e o mais honrado; porque o ladrão com o que junta naõ vive honrado, e morre sem honra. O pobre morre de fome, e não tem com que viva; e só o trabalhador tem com que viver; porque trabalhando para ganhar a vida, tem honradamente com que passar sem vergonha. He taõ honrado o instituto dos *Homens de Ganhar*, que em todos os Estados, e em todas as Nações do Mundo, imitão aos Collegas desto Hospicio todos os homens honrados. Naõ olharemos para nenhuma parte do Globo Terraquo, em que naõ vejamos os homens ocupados como *Homens de Ganhar*. Huns veremos ocupados em ganhar riquezas: outros em ganhar honras: outros em ganhar fama: outros em ganhar opinião: outros em ganhar estimação: outros em ganhar agrado: outros em ganhar vitoria: outros em ganhar o jogo: outros em ganhar o valimento: outros em ganhar o premio: outros em ganhar a aposta: outros em ganhar o vento: outros em ganhar a occasião: outros em ganhar o tempo; e outros em ganhar o Ceo. Esta he a negociação, que aos seus servos mandou fazer aquelle Rey, que com elles repartio os Talentos: *Negotiamini dum venio*; e os Servos, que com os Talentos negociaraõ, forão os que ganharaõ a gloria. Naõ he o mais admiravel,

que os homens ganhem o Ceo, mas que o Ceo seja semelhante ao homem nego-  
ciador: *Simile est regnum Calorum homini negotiatori*; e semelhante ao homem ne-  
gociador, com quem o Ceo tem semelhança, saõ os *Homens de Ganhar*, porque  
só ganha quem negoceia; e assim como naõ ha ninguem neste Mundo, que naõ  
seja homem negociador, tambem ninguem hâ, que naõ seja *Homem de Ganhar*.  
Ganha o Cavador negociando com a enxada. Ganha o Lavrador negociando  
com o arado. Ganha o Official negociando com o Salario. Ganha o Mercador  
negociando com o Commericio. Ganha o Piloto negociando com o Navio.  
Ganha o Pescador negociando com a rede. Ganha o Letrado negociando com  
o Conselho. Ganha o Escrivaõ negociando com a penna. Ganha o Barbeiro  
negociando com a navalha. Ganha o Cirurgiaõ negociando com a lanceta. Ga-  
nha o Boticario negociando com a receita. Ganha o Medico negociando com  
a visita. Ganha o Musico negociando com a voz. Ganha o Ministro negocian-  
do com a vara. Ganha o Dezembargador negociando com a beca. Ganha o  
Soldado negociando com a espada. Ganha o Capitaõ negociando com a gineta.  
Ganha o General negociando com o bastaõ; e ganhaõ finalmente todos, os  
que naõ furtão, e licitamente negoceão.

Aquelle grande negociador da Corte Romana, que ganhou sete milhões e  
meyo de renda, dizia sendo Stoico, que se do Mundo tirasse os olhos alhejos,  
nada se faria do que o mesmo Mundo admira, e preza: *Nemo oculis suis Lautus*  
*est: ubi testis ac Spectactor abscessit, subsidunt omnia, quorum fructus monstrari, &*  
*conspici;* ( Senec. Epist. 9. 5. ) e o mesmo succederá se do Mundo se tirarem as  
utilidades, e conveniencias proprias. Tirem-se os interesses, que os homens  
ganhaõ com os seus empregos, e veremos as Cidades despovoadas, os campos  
sem cultura, as occupaõens acabadas, e o genero humano quasi extinto. Sem  
conveniencias, naõ haverá casamentos; e là vaõ os homens. Sem conveniencias,  
naõ haverá cearas; e là vaõ os Lavradores. Sem conveniencias, naõ haverá pa-  
gas; e là vaõ os officios. Sem conveniencias, naõ haverá comercios; e là vaõ os  
mercadores. Sem conveniencias, naõ haverá Frotas; e là vaõ os Navios. Sem  
conveniencias, naõ haverá boticas; e là vaõ os Medicos. Sem conveniencias,  
naõ haverá demandas; e là vaõ os Letrados. Sem conveniencias, naõ haverá  
Tribunaes, e là vaõ os Ministros. Sem conveniencias, naõ haverá batalhas; e  
lá vaõ os Exercitos. Sem conveniencias, naõ haverá creados; e là vaõ os Senho-  
res. Todos os homens saõ os membros, que compoem este grande corpo do  
Mundo moral; e o interesse he o espírito, que anima este corpo. Keplero se-  
guido aos Philosophos Stoicos entendeo erradamente, que o Mundo natural  
era hum animal muito grande, e Plataõ, leguido por Boecio, imaginou, como  
Gentio, que este grande animal tinha alma. Porém eu ainda que naõ figo a Pla-  
taõ, nem a Keplero no que dizem do Mundo natural, affirmo que he verdadei-  
ra a sua Philosophia no Mundo moral; porque todos os homens juntos com-

poem hum animal muito grande, animado com o espirito do interesse. He o interesse aquelle espirito universal, que move, e anima todas as accções humanas: anima os entendimentos, porque os move: anima as vontades, porque as muda: anima as memorias, porque as altera: anima as inclinações, porque as vira: anima os genios, porque os trosse; e anima aos homens, porque ao reclamo do interesse todos acodem. Ninguem repara na indecencia dos meyos, se o interesse persuade as utilidades. Estranhava Tito ao Emperador Vespasiano a torpeza do tributo, que pozera à ourina, e tomando o Emperador huma das moedas, que lhe rendia o tributo, a meteo na mão ao filho, para que visse, que não tinha mão cheiro. A este Hospicio vem dinheiro de todo o Mundo, e todo como no Thesouro de Vespasiano tem o mesmo cheiro, todo tem a mesma cor, todo tem a mesma figura, e todo tem o mesmo valor; e se no dinheiro não há diferença, tambem a não há no modo de o ganhar. Todos ganhamos a vida com o nosso trabalho, e no trabalho todos temos a nossa cruz, que fenaõ pôde levar senão ás costas.

## §. II.

**D**epois de chamarem *Mariola*, e *Homem de Ganhar* ao nosso *Bibliothecario*, criticárao a sua obra os dous Cenfiores, dizendo, que toda a sua erudição era velha, e alheya; porque todas as noticias, que trazia eraõ furtadas de varios Livros. Esta censura logo parece dos Collegiaes do Collegio de Gestas; porque julgando aos outros por si, entendem, que todos os que se aproveitão do alheyo, são ladrões. Naõ se aproveitou o nosso *Bibliothecario* de noticias alheyas como ladrão, se naõ como *Homem de Ganhar*; porque como *Mariola*, andou mudando, o que estava em huma parte para o pôr em outra parte. Nefastas mudanças de facto alheyo se parecem com os *Mariolas* todos os homens mais doutos; porque para ganharem a fama de fabios, o credito de eruditos, e tambem o dinheiro, pelo qual vendem os Livros, não fazem mais, do que acarrerar noticias, que estão em casas alheyas; e nesta laboriosa mudança não há nenhum Author erudito, que não trabalhe mais, que hum *Mariola*. Nenhum *Mariola*, ainda que seja tão agygantado, e valente como o filho d'El Rey de Gratuão, levara de huma vez ás costas todos os Livros, com que carregou Lourenço Beyerlinck, quando para ganhar tanto credito, fama, e dinheiro compunha o seu *Theatro da Vida Humana*. O *Thesouro das Antiguidades da Grecia, e Roma, de Grevio, e Gronovio, o Thesouro das duas Lingoas Franceza, e Hespanhola de Cesar Oudin, o Thesouro da Lingoa Franceza, e Hespanhola de Jeronymo Victor, o Thesouro Philosophico de Estevão Châruvin, o Thesouro da Lingoa Franceza, e Latina do Padre Gaudin, o Thesouro da Lingoa Italiana, e Latina de Pedro Galefino, o Thesouro Pueril de Onofre Povio, o Thesouro Hispanico Latino de Bartholomeu Bravo, o Thesouro da Lingoa Portugueza, e Latina de Bento Pereira, o Dicionario Historico de Luiz Moreri, o Dicionario Universal do Abbade de Furistiere, augmentado por Monsieur Barval, o Dicionario da Academia France-*

za, o Diccionario das Artes, e Sciencias de Monsieur Corneille, o Diccionario Etymologico de Monsieur Menage, o Diccionario da Biblia de Monsieur Simon Pretre, o Diccionario da Biblia de Agostinho Calmet, o Diccionario Universal de Trevoux, o Diccionario geral de Monsieur Cesar de Rochefort, o Diccionario das Antiguidades Gregas, e Romanas de Pedro Danet, o Diccionario Mathematico de Ozanam, o Diccionario Pharmaceutico de Monsieur de Meunier, o Diccionario Oriental de Monsieur Dherbelot, o Diccionario Economico de Monsieur Noel Chomel, o Diccionario Historico, e Critico de Bayle, o Diccionario Ecclesiastico de Arias, o Diccionario de Musica de Boissard, o Diccionario Geographico de Miguel Antonio Baudrand, o Diccionario Real de Pomey, o Diccionario de Ambroso Calepino, o Diccionario novo Latino, e Francez do Padre Tachard, o Lexicon Theologico da Joao Altenstaig, Lorichio, Arquerio, e de outros, o Lexicon Juridico de Simao Schardio, o Lexicon de Direito Civil, e Canonico da Alberto de Rosate, Pratejo, Weterano, Brederode, e de Elio Antonio, o Lexicon Mathematico de Hieronymo Vital, o Lexicon Chymico de Guilherme Johontono, o Lexicon Philologico de Mathias Martinio, o Lexicon Universal de Joao Jacobo Hoffmanno, e o Vocabulario de D. Raphaël Blucan, ainda que sao muitos, e grandes volumes, e todos carregados do alheyo, nao sao obras de carregacao; porque nao tendo a muita erudicao, que trazem, fructo da sua lavra, ha co-lheita, e nao fructo da sua laboriosa diligencia.

### §. III.

**E**M terceiro lugar censuraõ os senhores Criticos ao nosso Bibliothecario por afirmar, que a Estatua do filho d'El Rey de Gratuao, estava na Biblioteca publica do Castello da Ega, cujo testo descreveo como hum Ceo entrelado, sendo o chamado Castello desta Villa hum pardieiro descuberto, sem ter dentro Livraria nem Estatua. Porém a esta noticia se responde, que a Estatua deste Principe esta vestida daquelle pano, com que sahio hum dia vestido certo Rey (seria o de Gratuao) de quem falla o Principe D. Joao Manoel no seu livro intitulado *Conde Lucanor*, ao qual por ser tecido com rarissimo artificio, só podiaõ ver os homens, que eraõ filhos de legitimo Matrimonio; e sendo tudo isto verdade, devem os Senhores Criticos imitar os Ministros, e Vassallos daquelle Rey, que sem o verem, todos se jaetavaõ, de que viaõ o pano, e a El Rey com elle vestido, estando certamente nõ, por nao ficarem como o negro, que por se lhe nao fazer a face vermelha, nao duvidou dizer a El Rey, que estava taõ nõ, como sua May o pario. Quanto a nao se ver Livraria nesta Bibliotheca, se podia responder, que se nao manifestaõ a todos os Volumes, por estarem encadernados nos retalhos do dito pano, que tobejaraõ aos Alfayates, quando cortaraõ a El Rey de Gratuao o invisivel vestido; por em bem pôde haver Livraria sem livros, assim como ha adega sem pipas, celleiro sem trigo, almazem sem potes. Hum engaço de uvas, sempre he engaço de uvas, ainda que nao tenha bagos: humareste de cebolas, sempre he reste de

de cebolas, ainda que naõ tenha senaõ as palhas : huma borracha de vinho, sempre he borracha de vinho, ainda que naõ tenha vinho a borracha. Naõ he logo coufa nova, que sem ter livros, feja este Castello Bibliotheca. He huma Bibliotheca de livros antigos ; porque em todas as Livrarias estaõ estes volumes fechados, e huns sobre outros fazendo parede com a liga das Estantes, como as pedras ligadas com a cal na Bibliotheca da Ega. Finalmente confessia o nosso *Bibliothecario*, que naõ ha outro tecto neste Castello senaõ o concavo do Firmamento, porque de outro modo naõ caberia nelle esta Estatua, senaõ sendo hum pardieiro sem telhado. E agora saberaõ os Senhores Collegiaes nossos Censores a razaõ, que naõ põdem alcançar, para se collocar esta Estatua em hum edificio arruinado, e naõ se põr no seu Collegio, que he hum Palacio principiado ha muitos annos, se ambos elles tem por tecto o Ceo estrelado. Naõ quiz o artifice desta Estatua deixalla no Collegio de Gestas, por naõ lha furtarem de noite os Collegiaes, assim como roubaõ, quanto por alli passa fóra de horas.

## §. IV.

**C**onsideraõ tambem estes Senhores attribuir o nosso *Bibliothecario* as marés à entrada, que o Gygante de Gratuaõ faz no Mar Occeano duas vezes no dia, estando hoje averiguado ser esta enchente das agoas admiravel, e portentoso effeito do *Maelstroon* da Noroega. Vem a ser o caso. No Occeano Septentrional para a parte Occidental da Noroega, ha huma famosa voragem chamada *Moskestroom*, ou *Maelstroon*, que vulgarmente se diz ser o embigo do Mar, ou Septentrional Charybde. Tem esta voragem, segundo alguns affirmão, quarenta milhas de extensão, ainda que o Padre Kircker lhe dà só treze milhas de circuito. Esta voragem pelo espaço de seis horas absorbe as agoas correndo para baixo, e pelo espaço de outras seis as torna a trazer para fóra com ruido tão horrundo, que de muitas legoas ao Mar se ouve, quando o Mar está quieto. Movendo-se com furia, naõ he possivel reter, e salvar o Baxel, que se acha na circumferencia do seu movimento. Nem as melhores Baleas escapão, quando ao perto as apanha ; porque depois de tragadas, e despedaçadas nos penedos, sahem para testemunhas, de que forão sorvidas. Apparecem boyantes os seus fragmentos juntamente com os destroços dos navios ao regresso das agoas. Supposta esta verdade, naõ se devem attribuir as enchentes, e vazantes das marés aos repetidos lavatorios dos pés do Gygante de Gratuaõ, quando do ingresso das agoas procede este tão ignorado effeito.

Saibaõ porém os nossos Censores, que assim como Luciano no Dialogo intitulado *Icaromanipe*, faz graciosamente dizer a Manipe, que hum dia fora levado ao globo da Lua, e que chamando-o ella com voz clara, e feminina, ou de mulher, lhe pedira, que representasse a Jupiter a impertinente curiosidade dos Philosophos, que querem saber, quanto ella tem dentro em si, e procuraõ dar razão das suas mudanças ; porque huns dizem, que he povoada de gente, e ha-

e habitada como a terra : outros, que fica suspensa no Ar a modo de espelho : e finalmente, que todos lhe estão tomando a medida, como se lhe quizessem cortar hum vestido. Assim, e da mesma sorte os Senhores Censores nos fazem afirmar, que passando nós por detraz do Sol seis legoas, perguntamos ao filho d'El Rey de Gratuão, se com efeito era verdade, o que diziaõ os Criticos Collegiaes Gestianos a respeito da voragem *Moskestroon*, e contra o seu pedelluvio, ou lavatorio dos pés? Ao que elle, com voz de trovoada, respondeo, que as marés só procediaõ de elle meter todos os dias os pés no Mar, como o nosso *Bibliothecario* tinha escrito; e por esta razão não havia marés no Mediterraneo, e em outros Archipelagos, por serem huns tanques tão pequenos, que dentro delles não lhe cabiaõ, nem os calcanhares. E com esta declaração refutava de passagem a *Philosophia de Scaligero*, *Snellio*, *Kircker*, *Gillio*, *Typhis*, *Soares*, e outros Sabios, porque só elle tinha tomado pé em materia tão alta, e profunda. E para não deixar em pé nenhuma duvida nos referio, que a voragem *Moskestroon* era a porta do Palacio de Neptuno, donde sahia, e se recolhia a agoa do Mar, quando este Numen respiraya, ou tomava a inspiração. Quanto aos fragmentos dos Nayios, e pedaços de Baleas, declarou serem fobejos da cozinha do Monarca das agoas, que os cosinheiros lançavaõ fóra, em forma de escamas de peixe, e gravatos de lenha, como elle vio na occasião, em que toy seu hospede. Neste passo nos lembrou, que o nosso *Bibliothecario* tinha dito, que por não haver lume no Mar, astára o Gigante de Gratuão o peixe do Talmud na ponta do dedo, chegando a Esphera do fogo, ao mesmo tempo, que escreveo houvera chocolate depois da Cea ; e para nos tirar desta duvida, de que tambem o arguiaõ os Censores, perguntamos ao Senhor Gratuão, o que lhe havíamos de responder? Então deo elle huma grande risada, dizendo, que em *Thomaz Lydiato*, referido por *Soares* no seu Tratado de Meteoros disputa segunda, teseõ primeira, e numero 172, achariaõ, que no fundo do Mar havia fogo, com que fervia, e se accendia aquella grande panela do Oceano : *In profundo maris esse quosdam vastos bituminis ardentis focos, quibus olla illa maris succenditur, & ebullit.* E sabendo, que o nosso *Bibliothecario* estava compondo, lhe mandou dizer, que escrevesse quantos despropositos lhe viesssem à imaginação, sem temor dos Criticos, porque na Livraria da Ega, e em qualquer outra Biblioteca acharia Autores para tudo.

## §. V.

**C**ondennaõ mais ir o nosso *Bibliothecario* bulcar às costas, como *Mario* e *Clá*, para ganhar humas moedas de cobre, a Estatua do Gigante de Gratuão ao Castello da Ega, podendo trazer com menos trabalho, e maior utilidade a de Hercules da cova de Toledo; porque traria de caminho as muitas riquezas, e moedas de ouro, que neste Palacio subterrâneo estão escondidas. Não daõ os Collegiaes Censores outra noticia destas moedas, e riquezas, co-

mo tambem da referida Estatua, pelo que serà necessario contar aos que a não souberem, esta historia, para entenderem a Critica, e a reposta. Na Cidade de Toledo está huma grande, e celebrada cova chamada de Hercules, a qual tem o seu principio quasi no mais alto da Cidade, e dentro na Parochial Igreja de S. Ginéz. Estando a porta dentro na Igreja, por muitas, e justas causas está tapada. Occupa esta cova não só o espaço de toda aquella grande Cidade, mas tambem a distancia de muitas legoas fóra della. Compoem-se este subterraneo Palacio de magnifica, notavel, e primorosa architectura, porque tem muitos arcos, pilares, e columnas, e toda está adornada de pedras lavradas, e miudas. He fama constante, que dentro nesta cova se occultão grandes thesouros, e outras cousas igualmente admiraveis, e preciosas. Principiada esta cova por Tubal, foy reedificada por Hercules, para lhe servir de Palacio, e de Aula, para nella ensinar a Arte Magica. Os Romanos a enobrecerão com algumas obras, com que ficou mais engrandecida. A hum lado desta dilatada cova edificou Hercules, como Magico, hum Palacio encantado, e dentro nelle deixou pintadas em huns panos humas figuras, e varios caractères, em que declarava, ou prognosticava a futura perdição de Hespanha. Este Palacio deixou elle cerrado, com huma porta de ferro, ameaçando a quem o abrisse, com esta grande, e tempre lamentavel calamidade. Com este vaticinio comunicado por tradição de pays a filhos, se hia conservando com multiplicados ferrolhos, e novos cadrados, que lhe mandavaõ lançar os Reys de Hespanha, cada vez mais fechado este mysterioso edificio. No tempo porém, em que reynava El Rey D. Rodrigo, tentando-o a sua grande ambição, e enganado pela cobiça de alguns lizongeiros, se resolveo a mandar abrir a porta, que dentro em huma antiquissima torre se fechava na boca de huma gruta de pedra, com huma tampa de ferro, cheya de innumeraveis cadeados, e ferrolhos, e muito mais defendida, ou cerrada com os perigos, que na lingoa Grega ameaçavaõ estas palavras: *O Rey, que abrir esta cova, e poder descobrir as maravilhas, que tem dentro, descobrirá bens, e males.* Sem temor dos males com a esperança dos bens entraraõ pela cova, que abrirão, os mais valerosos allumeados com lanternas, e outras luzes, e a poucos passos voltaraõ todos correndo com as luzes apagadas, os animos perdidos, os pulsos sem movimento, os olhos sem vista, e o coração sem alento, e todos tão penetrados de medo, que os mais valentes pareciaõ os mais covardes. Os que recobrados do susto poderaõ falar, disseraõ com vozes tremulas, e palavras mal pronunciadas a El Rey Rodrigo, que tinhaõ visto huma espantosa, e formidavel vizaõ. Resolveo-se El Rey a ir diante de todos, acompanhados com luzes, que se não podessem apagar, e chegando a huma sala muito espacosa, e lavrada com primoroso artificio, viraõ no meyo della huma Estatua de bronze de espantosa, e formidavel estatura, posta em pé sobre hum pilar de altura de tres covados, e com hu-

ma massa de arnas nas mãos estava ferindo a terra com grandes, e muito estrondosos golpes, movendo com elles o ar, e causando o espantoso ruido, que atemorisou os primeiros exploradores, que na cova tinhao entrado. E conjurada por ElRey com orações, e palavras devotas aquella Estatua, e com o protesto de sahir para fóra sem lhe fazer agravo, nem obrar outra acção mais, do que observar o que naquelle cova estava occulto, cessou a Estatua de ferir a terra com os golpes, como otorgando, e concedendo quanto ElRey para seu mal lhe pedia. Entaõ viraõ, e abrirão huma Arca, em que acharaõ o funestíssimo pano enrolado, em q se viaõ debuxadas tropas de Arabes, e outros soldados da mesma Naçao com turbantes nas cabeças, e armados com adargas, e lanças, ameaçando neste quadro com a invasão desta barbara gente ao infeliz Rey D.Rodrigo esta memoravel, e fatal letra: *Quem aqui chegar, e esta Arca abrir, perderá Hespanha, e será vencido de semelhante gente.* Fecharam outra vez a Arca por ordem d'ElRey, deixando o pano como estava, e notando, a casa para ver se achavaõ algum bem para correctivo de tão grande mal, viraõ na parede à mão esquerda da Estatua outro letreiro, que dizia: *Rey triste, por teu mal entraste aqui. Da parte direita se lia em outro: Por estre-  
nas Nações serás despojado, e as tuas gentes rigorosamente castigadas.* Nas costas da Estatua estava este letreiro: *Arabes invôco, e nos peitos tinha escrito estas palavras: Faço meu officio;* e continuando com a diligencia de observar a casa, descobrião a hum lado huma gruta redonda, e dentro nella ouviraõ o estrondoso rumor de hum despenhado rio, e temendo todos o encontro de cousas mais formidaveis, e perigosas voltarão com grande preça para fóra, e a Estatua continuou logo a dar com a mesma força os costumados, e violentos golpes. Tanto, que ElRey se vio fóra da cova lhe mandou fechar a porta, recomendando segredo aos que tinhao visto os funestos prognosticos da Estatua, e do pano, como se o silencio dos vassallos podera emendar o erro do seu Monarca. Nunca os segredos dos homens, suspenderão os supremos decretos, como se vio neste succeso; porque na meya noite do mesmo dia toraõ ouvidos naquelle lugar clamores, e alaridos como de batalha, entre o estrondo das armas, e com hum terremoto se fundio, e sobverteo a torre com hum formidavel estrondo, sem deixar vestigio da ruina.

Para chamarem os Senhores Collegiaes Gestianos *Mariola* ao nosso *Bibliothecario* com enigmas, desencantaraõ a famosa Estatua de Hercules. Como este colosso está em pé sobre hum pilar, que tem altura de trez covados, armado com huma massa nas mãos, cercado pelos lados com os letreiros, que se lem pelas paredes, e carregado com algumas letras pelas costas, publica com o peito, que faz naquelle lugar o seu officio: entenderaõ os Senhores Criticos, que era a imagem do nosso *Bibliothecario*, que está fazendo o seu officio, posto em pé sobre o pilar deste Hospicio, que tem trez covados de altura, e pelas paredes se lem

lem varios letreiros, ao mesmo tempo, que o nosso *Bibliothecario* está tão carregado de noticias, que parece tem alguma grande livraria às costas. Mas para que he chamar lhe *Mariola* com enigmas, tendolhe já chamado sem remoques? Não quiz o nosso *Bibliothecario* as moedas, e riquezas d' *Herculea cova encantada*, porque se contenta com aquillo, que ganha como *Mariola* com o fuor do seu rosto, deixando esse thesouro para os ambiciosos *Collegiaes Gestianos*, que como destimidos, e valentes poderaão brigar com aquelle Cão, que dizem guarda as chaves do thesouro, e quando morraão como aquelles cobiçosos, que por ordem do Eminentissimo Cardenal D. Joáo Martines Saliceo, ou movidos da pobreza, e necessidade perderão a vida, não achando outras riquezas senão os filhos de ambiciosos, que por cubica do ouro acabaraão nesta caverna, sempre ficão mais honrados, do que sahindo da cova depois de lhe pôr aquelle *Mariola* de bronze a mastia de armas, ou algum pão nas costas.

## §. VI.

**C**om grande furor censuraão os *Collegiaes Gestianos* o epitheto de *imaginativos*, que o nosso *Bibliothecario* deu aos tres *Authores Medicos Daniel Sennerto, Rodrigo de Castro, e Miguel Ettmullero*; porque sendo como *Dogmaticos Medicos Racionais*, não se deviaão chamar *imaginativos*, por ter esta palavra synonymo de *loucos*. Bem sabemos, que desde o tempo de *Cornelio Celso* se começaraão a chamar *Racionais* os *Medicos Dogmaticos*, porque na cura das enfermidades se governaão por discursos, e principios; mas quem poderá negar, que os principios, e os discursos destes *Medicos* saão *imaginações*? Na declaraão da palavra *Medico* escreve Bluteau no seu *Vocabulario* este proverbio: *De Medico, e de louco cada hum tem seu pouco*; e se a loucura se não destingue da *imaginação*, e na mesma balança estaão em equilibrio a loucura, e a Medicina, não se pôdem queixar os tres *Authores Medicos* de lhe chamar o nosso *Bibliothecario* *imaginativos*. Como tem *imaginação* não há, nem pôde haver raciocinio, todos os *Medicos* prezados de *Racionais* não pôdem negar, que saão *imaginativos*. Todos os raciocinios da Arte Medica saão *opinioens*; e as *opinioens*, como dizem os *Philosophos*, saão formidaveis *imaginações* dos entendimentos racionais. E daqui se segue, que os *Medicos* de maior entendimento, e opinião saão os mais *imaginativos*; porque *imagine* não, ou presumem tanto dos seus elevados discursos, que para se apartarem da vulgaridade, e buscarem a causa das operações da Natureza, não só vagão pela regiao do Ar, mas sobem tão alto com a sua *presumção aerea*, que chegam aos espaços *imaginarios*.

Faz Galeno menção de huns *Medicos* chamados *Pneumaticos*, porque ao Ar, que entra nos corpos, e aos flatos aereos, que nelles se gerão, atribui a sua *imaginação* todas as operações da Natureza nos corpos viventes. E os que atribuem hum livro de flatos ao grande *Hippocrates* tambem querem, que elle fosse

esse *Medico Pneumatico*, como forão sem controversia Atheneo, Archigenes, Asclepiades; e desta Seyta de Medicos aereos, ou imaginativos saõ Ettmullero, Castro, e Sennerto, porque bulcão a causa das operaçōes naturaes nos espaços imaginarios, vagando com o seus discursos pela regiaõ do vento. Naõ he discreditio do seu grande engenho, esta arguida loucura; porque sem pouca, ou muita loucura, confórme diz Seneca, naõ ha engenho grande: *Nullum Magnum ingenium absque mixtura dementia est.* Esta verdade sustentaremos (melhor do que Feyjoo infamador da Medicina) com huma larga, e já prevenida Apologia, quando sahir impressa (que a Cartas Anonymas, e a manuscritos naõ respondemos) a *Critica* promettida a favor dos Authores Medicos pelos Senhores Porcionistas do Noyo Collegio do Martim Alho, e Noviços do Presepio novo fundado nas obras imperfeitas da Calçada do Correyo, que muito bem sabemos nos trazem ha muito tempo entre dentes; mas dentes de alho naõ mordem, nem metem dente em matérias, que tem dente de *Coelho*, posto que sejaõ dentes de fogueiros, que tem barbas.

## §. VII.

**C**ensurão finalmente os Senhores Criticos despresar o nosso *Bibliothecario* a nova opinião dos Anathomicos modernos, que affirmaõ procederem as gerações assim dos homens, como dos monstros dos ovos, com que o sexo feminino concorre para a geraçō da prole, confessando por zombaria, que o Gigante de Gratuaõ sora gerado do ovo do Uniyerso, que he desproposito tão grande, que naõ se acha outro igual, e muito menos ainda maior em semelhante materia. Porém o nosso *Bibliothecario* naõ nega, que de ovos procedão algumas geraçōens humanas, e monstruosas, como forão as de Leda filha de Thes-  
tio, e mulher de Tyndaro Rey de OEBALIO, à qual de hum ovo, segundo refere a Fabula, que ella pario na Cidade de Amycla, lhe nascerão Pollux, e Hellenæ, e de outro ovo Castor, e Clytemnestra. E tem materia de controversia a geraçō do Gratuaõ procedeo do grande ovo do Universo. Sendo muito grande este desproposito, ainda mostraremos nesta materia outro maior; porque se he grāde extravagancia fingir, que do ovo do Universo nasceo este Gigante; maior destempo he affirmar, que outro Gigante de hum ovo formara todo o Universo. He caso fabuloso escrito em Historia verdadeira. Por ligaõ do grande Historiador Diogo de Couto refere no Tomo I. do Supplemento ao Vocabulário o Padre D. Raphaël Bluteau declarando a palavra *Japaõ*, que os naturaes desta Ilha creem como cousa certa, que hum Gigante Senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em cima, e outro embaixo, fórmara de hum ovo, que pos hum gallo, ao Mundo todo, fazendo da gemá os Ceos, e os Elementos da clara. Estando por este modo creado todo o Universo, arremegou o Gigante dos Ceos huma lança sobre a Ilha do Japaõ, metendoa pela terra dentro, e da abertura sahio huma mulher muito fersosa. Em hum dia, que esta Da-  
ma

ma estava assentada à borda da agoa sahio hum Crocodilo em terra , e pegando naquelle Dama a communicou por violencia , ficando ella pejada deste con-  
gresso,e a seu tempo pario hum filho,que foy o povoador de toda aquella illha.  
Os *Conguis*, ou Fidalgos da Casa d'El Rey prezaõ-*te* muito de procederem da-  
quella casta,honrando-*se* tanto desta illustre ascendencia, que todos os décen-  
dentes trazem nos calçoens huns rabos dependurados à maneira de Croodi-  
los. Naõ he logo muito nova opinião dos modernos *Anathomicos*, achando-*se*  
já entre as Fabulas dos *Mythologicos*, e as Historias dos mais celebres *Histo-  
riadores*, mas assim nas Historias , como nas Fabulas com mentiras de rabo.

*Fica-se reimprimindo a Historia Galega , e outras varias curiosidades.*

### LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do Reverendissimo Padre D. Caetano de Gouvea Clerigo Re-  
gular de N. Senhora da Divina Providencia, Qualificador do S. Officio.*

**V**I por ordem de Vossa Eminencia o papel, de que trata esta petição, e na-  
da tem contra a Fè , e bons costumes. Lisboa Occidental nesta Casa da  
Divina Providencia de Clerigos Regulares 13. de Janeiro de 1733.

*D. Caetano de Gouvea , C. R.*

**V**Ista a informaçō , pôde-*se* imprimir o papel de que se trata , e depois de  
impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, tem a qual não  
correrá. Lisboa Occidental 13. de Janeiro de 1732.

*Fr. R. Alancastro. Cunha. Teixeira. Silva. Soares.*

### DO ORDINARIO.

**P**ode-*se* imprimir o papel, de que se trata , e depois de impresso tornará pa-  
ra se conferir , e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 14. de Ja-  
neiro de 1733.

*Gouvea.*

### DO P A C O.

*Approvação do Reverendissimo Padre D. Jozè Barboza Clerigo Regu-  
lar da Divina Providencia, Examinador das Trez Ordens Militares,  
Chronista da Sereníssima Casa de Bragança , e Academico da Acadé-  
mia Real da Historia Portugueza , &c.*

*S E N H O R.*

**V**lo Escudo Apologetico , de que trata a petição , e nelle não acho causa por-  
que se lhe não deva dar licença, para se imprimir. Vossa Magestade man-  
dará o que for servido. Lisboa Occidental nesta Casa de N. Senhora da Divi-  
na Providencia de Clerigos Regulares 25. de Janeiro de 1732.

*D. Jozè Barboza , C. R.*

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e  
depois de impresso tornará à Mesa para se conferir , e taxar, que sem is-  
lo não correrá. Lisboa Occidental 28. de Janeiro de 1733.

*Pereira. Alveres. Rego.*

Tambem se acharão nesta Officina a Relação da *Onomatopéia*, e outras varias.